



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CENTRO DE HUMANIDADES “OSMAR DE AQUINO”
CURSO DE LICENCIATURA PLE.NA EM LETRAS**

PAULA FRASSINETTI GONÇALVES LEANDRO SANTOS

**ANÁLISE VARIACIONISTA DO PROCESSO DE VOCALIZAÇÃO DA
LATERAL / l / NO MUNICÍPIO DE ALAGOA GRANDE – PB**

GUARABIRA – PB
2019

PAULA FRASSINETTI GONÇALVES LEANDRO SANTOS

**ANÁLISE VARIACIONISTA DO PROCESSO DE VOCALIZAÇÃO DA
LATERAL / l / NO MUNICÍPIO DE ALAGOA GRANDE – PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba – CH, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras.

Área de concentração: Variação Linguística e Ensino

Orientadora: Dra. Luana Anastácia Santos de Lima

Guarabira – PB
2019

FICHA CATALOGRÁFICA

S237a Santos, Paula Frassinetti Goncalves Leandro.
Análise variacionista do processo de vocalização da lateral /l/ no município de Alagoa Grande-PB [manuscrito] / Paula Frassinetti Goncalves Leandro Santos. - 2019.
48 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades , 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Luana Anastácia Santos Lima , Coordenação do Curso de Letras - CCHA."
1. Sociolinguística. 2. Variação linguística. 3. Vocalização.
I. Título
21. ed. CDD 306.44

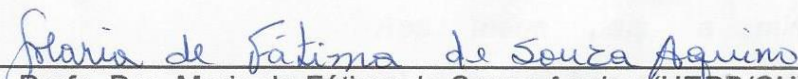
**ANÁLISE VARIACIONISTA DO PROCESSO DE VOCALIZAÇÃO DA
LATERAL / l / NO MUNICÍPIO DE ALAGOA GRANDE – PB**

PAULA FRASSINETTI GONÇALVES LEANDRO SANTOS

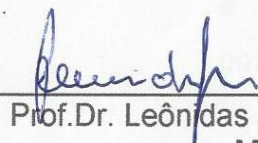
Orientadora: Profa. Dra. Luana Anastácia Santos de Lima

Monografia apresentada em _____ / _____ / _____.

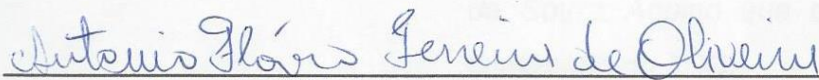
Banca examinadora



Profa. Dra. Maria de Fátima de Souza Aquino (UEPB/CH)



Prof.Dr. Leônidas José da Silva Júnior (UEPB/CH)
Membro avaliador



Prof.Dr. Antonio Flávio Ferreira de Oliveira (UEPB/CH)
Membro avaliador

Guarabira – PB
2019

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, pela saúde, fé e perseverança que tem me dado;

Ao José Batista, meu fiel companheiro na hora da tribulação;

Ao meu filho, Pedro José, que passou por momentos delicados e cuidadosos na gestação e hoje é um motivo para comemorarmos diariamente a sua vinda em nosso lar ;

Aos meus pais, à minha avó (in memoria) a quem honro pelo esforço com o qual contribuíram para minha formação pessoal e educacional, permitindo-me condições de galgar êxito na sociedade letrada;

À orientadora Dra. Luana Anastácia Santos de Lima que teve papel fundamental na elaboração deste trabalho e à Dra. Maria de Fátima de Souza Aquino que deu sua contribuição na finalização do TCC.

A meus professores e professoras que muito contribuíram para a minha formação, dos quais tenho boas lembranças, levando em consideração os problemas que fazem parte do contexto de seus alunos, sendo sensíveis às diversas situações que a vida causa e lhes foram apresentadas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar ao Deus que me permite estar aqui participando de mais um ciclo da vida educacional, que me faz ser forte e capaz de enfrentar os obstáculos impostos pela vida e que a cada queda me ergue, o grande mestre da vida que já me agraciou em várias realizações e conquistas sonhadas.

A meu esposo, que sempre me apoiou na minha carreira profissional e acadêmica contribuindo sempre quando preciso com sua compreensão quando necessito participar de eventos, congressos etc.

Em especial a meus pais, Paulo e Severina, a minha avó Belarmina (in memoria), aos meus irmãos, com quem sempre compartilhamos momentos bons e difíceis, no decorrer da minha vida e juntos partilhamos esse momento.

À minha orientadora, Dra. Luana Anastácia Santos de Lima pela atenção, competência, paciência, principalmente, gentileza, simpatia ,esforço e pela extrema bondade em compartilhar seus conhecimentos e orientação neste árduo trabalho.

À Dra. Maria de Fátima de Souza Aquino que nos deu toda a atenção na reta final e finalização do trabalho com sua dedicação e disponibilidade para podermos concluir o nosso curso dividindo conosco o seu conhecimento e sua bondade.

A todos os professores que, no decorrer do percurso contribuíram para minha formação e que sempre nos incentivaram a seguir em frente em busca do melhor, que tiveram a paciência de lidar com os alunos e compreender as nossas deficiências como humanos.

EPÍGRAFE

“Tudo posso naquele que me fortalece.”

(FILIPENSES, 4:13)

ANÁLISE VARIACIONISTA DO PROCESSO DE VOCALIZAÇÃO DA LATERAL / L / NO MUNICÍPIO DE ALAGOA GRANDE – PB

Paula Frassinetti Gonçalves Leandro Santos

RESUMO

O presente trabalho visa empreender uma análise variacionista do processo de vocalização da lateral /l/ na grafia de falantes que residem no município de Alagoa Grande, localizada no estado da Paraíba. A motivação para esta pesquisa está no fato de que, em português brasileiro, a lateral na posição final da sílaba é realizada de forma variável como /l/ alveolar, velar ou [w] (variante vocalizada). Assim, buscando nas literaturas de Bortoni-Ricardo (2004), Marcuschi (2007), Cristófaru (2009), entre outros autores e verificar que essa variação ocorre em função de restrições sociais e linguísticas. Consideramos a importância do uso de variações linguísticas, o prejuízo linguístico nas aulas de idiomas e os fatores que levam à troca da variante. Utilizamos a metodologia quantitativa e qualitativa para analisar os dados que confirmam esse fato e obtivemos os resultados de que as inadequações foram mais produzidas pelos homens e que as escolas privadas obtiveram 26% a mais de adaptações. Por meio da concepção de ideias adquiridas, é possível construir práticas de ensino que constituam um reflexo da variação linguística, vocalização e consciência fonológica.

Palavras-chave: Sociolinguística Variação Vocalização

VARIATIONIST ANALYSIS OF VOCALIZATION PROCESS OF LATERAL /l/ IN ALAGOA GRANDE TOWN - PB

Paula Frassinetti Gonçalves Leandro Santos

ABSTRACT

The present work aims to undertake a variation analysis of the vocalization process of lateral /l/ in the spelling of speakers living in the city of Alagoa Grande, located in the state of Paraíba. The motivation to take a research is not a fact, it is not a Brazilian, a side towards the end of a series of variables such as /l/ alveolar, velar, or [w] (vocalized variant). Thus, searching for the literatures of Bortoni-Ricardo (2004), Marcuschi (2007), Cristófaró (2009), among other authors and verifās that the occurrence of occurrence in some ethical and linguistic functions. We consider the importance of linguistic use, linguistic prejudice in language classes and the factors that lead to the exchange of variables /l/ by [w]. We use a quantitative and qualitative methodology to analyze data that confirm this fact and we obtained the results as inadequacies were produced more by males and that the residing schools obtained 26% more adaptations. Through the Conception of a teaching discipline, vocalization and phonological awareness.

Keywords: vocalization society school.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Representação do fonema na posição Bisol(2002).....	31
Figura 2 – Representação interna da sílaba, a partir de Selkirk (1982)	32
Figura 3 – A partir de Stetson (1951[1928])	32

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Análise da porcentagem por gênero.....	39
Gráfico 2 - Análise das inadequações da escola pública e privada	40

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 TEORIA VARIACIONISTA	16
3 FALA x ESCRITA	23
4 VARIAÇÃO DO SEGMENTO	30
5 METODOLOGIA.....	34
6 ANÁLISE DOS DADOS	38
7 CONCLUSÃO.....	42
REFERÊNCIAS	46

1 INTRODUÇÃO

As variações linguísticas podem ser consideradas e justificadas de acordo com a comunidade na qual se manifestam, pois é um fenômeno que acontece com a língua e pode ser compreendida por intermédio das variações históricas e regionais. A língua pode ter muitas alterações numa mesma região do país, cidade, distrito, etc; pois ganha diferentes nuances por não ser um sistema fechado.

Naturalmente os diferentes falares devem ser considerados como variações, e não como erros. De fato o desenvolvimento de uma pedagogia sensível às diferenças sociolinguísticas dos alunos requer mudanças por parte da sociedade como afirma Bortoni-Ricardo (2005). Quando tratamos as variações como erro, incorremos no preconceito linguístico que associa, erroneamente, a língua ao *status*.

Por esse motivo, este trabalho é de suma importância para os profissionais de línguas e pesquisadores da área de variação linguística. Através do poder simbólico das variações o usuário tende a utilizá-la como meio de projeção social. Enfim, essa variação torna-se, hoje, fator de inserção no mundo atual estimulando o sujeito a ser ativo perante a cultura e história de nossa nação. Para alcançar os objetivos desse trabalho recorreremos ao estudo desenvolvido através da variante de vocalização da lateral // em escolas pública e privada do Município de Alagoa Grande, PB. Esta pesquisa contribui, diretamente, para estudos e mudanças de estratégias que auxiliarão na prática e conhecimento dos profissionais de línguas.

O objetivo deste estudo foi de investigar as propriedades gráficas de // em coda silábica no Português do Brasil. Considerando que o segmento // em coda é vocalizado, as características da semivogal /w/ também foram estudadas.

O objetivo específico é mostrar aos profissionais da educação que a grafia da lateral em coda silábica tenha sido implementada e sofrido inferências no decorrer da aprendizagem por diversos fatores que dificultaram o desenvolvimento do letramento familiar e conseqüentemente da consciência fonológica que seriam a forma adequada para sanar as dificuldades de leitura e escrita, facilitando a aprendizagem da língua materna nas séries iniciais. Para que haja uma aprendizagem da leitura e escrita nas séries iniciais, deve-se trabalhar com uma seqüência de conscientização para língua. É necessário captar as variações

linguísticas e suas mudanças na comunidade e mostrar, de forma clara, as melhores estratégias para obter-se a capacidade de autodidatismo, a fim de garantir mais eficiência no ensino de língua.

O presente trabalho pretende analisar dados a partir das perspectivas variacionista e fonológica, através da forma escrita dos alunos de duas escolas da cidade de Alagoa Grande/PB, sendo uma da rede pública e outra da privada. Em ambas as escolas foram escolhidas uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental com faixa etária de 11 a 12 anos e outra turma do 1º ano do Ensino Médio com faixa etária entre 14 e 16 anos. O *corpus* desse estudo foi coletado através de ditados de palavras e frases previamente elaboradas pela nossa equipe, a fim de obter resultados que apresentem o comportamento variável da lateral /l/, observando a predominância ou não da vocalização da mesma em posição de coda silábica que foram produzidos com 10 meninos e 10 meninas de cada ano escolar totalizando 40 alunos .

A nossa pesquisa centraliza-se no estudo do processo de forma geral gráfica, como ocorre no português brasileiro com a consoante lateral /l/ em coda silábica (ou posição pós-vocálica), esteja a sílaba no interior ou em final de vocábulo: *falta~fa[w]ta*, *futebol~futebo[w]*, *móvel~móve[w]*, *almoço~a[w]moço*. Foi possível a realização desse estudo através de pesquisas de cunho biográfico das obras de Cristófaró (2009), Silvia (2009), Cavalariéri (2005) e assim obtivemos a definição da escrita como um processo fonológico pelo qual uma consoante é transformada em vogal ou semivogal quando ocupa certas posições da sílaba ou da palavra. Através da pesquisa, apresentamos uma visão geral do tema da teoria variacionista que introduz posições teóricas baseadas nos autores Hora (2004), Bortoni-Ricardo (2004), Antunes (2007), Sá (2009), Labov (2007)

A pesquisa está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo apresenta-se o projeto, expondo uma breve contextualização e apresentando a problemática vislumbrada da temática, assim como os objetivos geral e específicos. De modo geral, esse capítulo inicial serve para identificar as linhas de discursão do sistema linguístico, a variação, o preconceito e tem como contribuição informações para o ensino de língua voltado a práticas construtivistas desvinculando o tradicionalismo como pensaram alguns autores. Atualmente surgiram novas disciplinas como a sociolinguística ,psicolinguística, pragmática e outras, que tiveram a função de inovar no ensino de língua transformando o ensino tradicional que era focado na

análise de frases isoladas em um ensino voltado ao estudo da língua através dos gêneros textuais, sua variação, de uma forma funcional associando os fenômenos linguísticos as questões sociais .

No segundo capítulo é realizada uma revisão sobre a área de conhecimento promovendo um maior detalhamento do processo da descoberta da aprendizagem da leitura e escrita língua, sua relação com o letramento e a consciência fonológica e a variação da lateral [1]. Desse modo partiu-se da hipótese que é através do desenvolvimento da consciência fonológica, como observamos no estudo com base em informações de cunho bibliográfico que é possível concretizar-se, de forma estratégica, as melhores ferramentas para que o aluno desenvolva de forma correta a aprendizagem da leitura e escrita. O terceiro capítulo faz uma revisão da literatura relacionada à área que discute os resultados obtidos e como foi desenvolvida a pesquisa nas escolas públicas e privadas, na cidade de Alagoa Grande, PB, assim como as possibilidades de análise considerando a proposição do trabalho e por fim temos as considerações finais .

2 TEORIA VARIACIONISTA

O estudo da língua vem despertando o interesse dos linguistas e pesquisadores da área há muito tempo. Compreender esse mecanismo de comunicação, o seu comportamento variável e as razões que influenciam nessa variação existente na fala é tarefa para aqueles que trilham o caminho da linguagem.

Os teóricos e especialistas na área como, Bagno (2002), Bortoni-Ricardo (2004), afirmam que a sociedade pode influenciar e determinar a estrutura da língua. Por essa necessidade, surgiu a Sociolinguística que investiga no estudo da língua e suas construções e falares rotineiros, levando em conta os aspectos linguísticos e extralinguísticos.

Através da pesquisa sociolinguística, é possível conhecer os vários falares de uma comunidade, onde podemos perceber a diversidade de expressões linguísticas. De acordo com Sá (2009) um dos principais fatores que contribui para a variação linguística é a condição social e econômica do indivíduo.

A partir de 1964, os estudos sociolinguísticos tiveram um acréscimo considerável através do linguista americano William Labov, considerado o precursor da Sociolinguística variacionista. Labov (2008) postulava que a língua é o instrumento que as pessoas usam para se comunicar com as outras na vida cotidiana e que esse instrumento é o alvo do trabalho em variação linguística. Segundo Sá (2009, p. 56), é através desse meio de comunicação que os indivíduos aprendem sua função social e se identificam culturalmente. Porque quando nascemos, somos inseridos num contexto socioeconômico cultural já existente, à medida que crescemos participamos desse processo de socialização que nos transforma num falante de uma determinada variante da língua.

A língua é uma instituição social e não pode ser estudada isoladamente, fora de seu contexto social, da cultura, da história das pessoas que as utilizam como meio de comunicação. Segundo Martellota (2001), na Sociolinguística, deve-se levar em conta a análise linguística, ou seja a reflexão de forma consciente sobre os fenômenos gramaticais e textual discursivos que perpassam os usos linguísticos, seja no momento de ler/escutar e de escrever textos, porque a variação e as mudanças são inerentes às línguas .

Os sociolinguistas têm interesse pelo estudo das manifestações verbais nas variadas línguas, buscando investigar quais os fatores que favorecem essa variação. Dessa forma, esse estudo através da Sociolinguística procura identificar o grau de estabilidade de um determinado fenômeno e investigar sua trajetória, pois a variação é um fenômeno cultural motivado pelos fatores linguísticos e extralinguísticos, não sendo, portanto, assistemático.

Seguindo o contexto sobre o estudo sociolinguístico, é interessante destacar que as pessoas alternam seus modos de falar porque são condicionadas às relações simétricas ou assimétricas entre falante e interlocutor; o contexto social (casa, escola, trabalho, igreja, vizinhança) são os locais que influenciam as variações, pois as pessoas mais velhas que não estão inseridas no mercado de trabalho têm um tópico discursivo diferente por causa da sua participação social reduzida se comparadas a jovens e pessoas que estão no mercado de trabalho cujas redes sociais são amplas, o acesso às tecnologias e o convívio diário com as pessoas de diversas classes sociais interferem no dialeto. O Linguísta Labov (2008) defende que os grupos inseridos na sociedade possuem modos próprios de falar e de viver, isso difere dos que estão isolados dessa sociedade, portanto influencia nas variações linguísticas, sendo assim aquela comunidade desenvolve um modo peculiar na forma de falar.

Sá (2009, p. 57) esclarece que as variedades linguísticas são as variações que a língua apresenta e são influenciadas por aspectos históricos, culturais, regionais e sociais. São formadas por dois grandes grupos: a norma culta, que é a língua-padrão e tem prestígio social, e a norma popular que é vista por alguns de forma preconceituosa

Os pesquisadores da teoria variacionista como Bortoni-Ricardo (2005), Ferrarezi Junior (2008), Antunes (2007), sabem que as variedades linguísticas determinadas por limites geográfico-culturais diferentes dependem de diversos fatores, como a idade, a posição social, o grau de escolaridade, profissão e gênero.

Atualmente os livros educacionais como *Tecendo Linguagens, Muito Além da Gramática e Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística* têm solicitado aos professores que respeitem a linguagem não-padrão como outro modo de falar, a língua culta deve ser ensinada como uma variante que deve ser cobrada na escola e repassar para os alunos que a linguagem que eles usam no dia a dia é outra variante diferente da linguagem da escola, em vez de considerá-la

como falha, desleixada e ilógica. Na correção da fala dos alunos deve se ter um cuidado aproveitando sua fala para fazer uma correção de forma monitorada não repreendê-lo pela forma como falou, mas fornecer uma variante a ser usada em situações formais, portanto mostrando para ele que sua forma de falar é uma variante informal e o professor deve ensinar a significância social das diferenças de ambas, desvinculando o preconceito linguístico.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2005, p 128), a sociolinguística tem um forte papel pedagógico. Neste cenário, objetiva levar para escola conhecimentos que permitam o envolvimento da cultura de forma familiar, mais próxima da realidade dos alunos. No entanto, para que isso ocorra são necessárias mudanças de postura na escola, nos professores, alunos e na sociedade de modo geral. A escola deve influenciar os alunos a usarem seus estilos formais de forma monitorada e consciente, uma vez que é nesse campo que as ações de planejamento linguístico têm influência, pois a variação linguística, no Brasil, está associada à má distribuição de renda e o ensino de língua deve respeitar ser trabalhado de uma que não forma discrimine os falantes de variações populares.

Abordando este aspecto, Bortoni-Ricardo (2005, p. 206) esclarece a gravidade que tem representado o ensino de língua na escola:

O que quero dizer é que é possível ensinar a norma padrão a falantes de português popular sem criar uma situação conflitiva, desde que seja implementada em sala de aula uma pedagogia culturalmente sensível. A prática da pedagogia culturalmente sensível prevê respeito as características socioculturais e individuais dos alunos

Portanto, entendemos que é de suma importância para aprendizagem linguística que o aluno sinta-se livre para falar na sala de aula, permitindo-o usar desde a variante padrão à não-padrão, consciente do contexto em que está sendo aplicada determinada variante. O professor pode aproveitar o momento para mostrar aos alunos, caso usem a variação não-padrão, que existe outra variante, e nesse momento o aluno vai desenvolvendo uma consciência sobre as variações da língua e desmistificando o preconceito linguístico na escola. O aluno deve ter sua atenção voltada para o significado que a variação assume no processo interacional entre as pessoas envolvidas. No momento em que o ensino monitorado passa a fazer parte do cotidiano do aluno na escola, os recursos linguísticos vão sendo aprimorados de forma natural e eles irão amadurecendo seus conhecimentos através da escola.

As variáveis sociais podem ser analisadas de duas formas. A maneira “diatópica” relaciona o espaço físico onde cada comunidade vive observando as diferenças entre falantes de regiões geograficamente diferente e sua relação com a língua e a maneira “diastrática” enfoca fatores de identificação social do falante ou seja, variações que acontecem de um grupo social para outro e a sua relação com a comunidade. As variedades linguísticas encontradas possuem relevância em vários aspectos como na morfossintaxe e na fonologia.

Hora (2004, p.18) reitera, nesta conjuntura, que a sociolinguística variacionista busca discutir uma concepção de língua que diverge do que tem sido pregado pelo estruturalismo e gerativismo, defendendo a língua como algo que não é estático, nem homogêneo e tão pouco uniforme, mas que é uma prática utilizada nas comunidades de fala e que deve ser cultivada junto à norma-padrão desde os anos iniciais da vida escolar do indivíduo. Nesta teoria, língua e sociedade andam juntas, levando em consideração as diversas formas em uso dessa linguagem. Assim menciona Hora (2004, p.19) sobre a sociolinguística:

Dessa forma a pesquisa sociolinguística implica levantamento cuidadoso dos registros de língua falada; descrevendo a variável (conjunto de variantes) e traçando um perfil das variantes (diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade); a variável dos variantes (diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade); análise dos fatores estruturais e sociais condicionantes; encaixamento da variável no sistema linguístico e social da comunidade; avaliação da variável, para a confirmação dos casos de variação ou mudança.

Um fator relevante nessas pesquisas foi a descoberta de vários dialetos sociais diferenciados entre si nos traços e variações nas frequências com que certos traços ou regras ocorrem como afirma Hora (2004).

A teoria variacionista voltada ao ensino-aprendizagem de língua, seja língua materna ou segunda língua, contribuiu para a noção de variação na comunidade de fala, mas necessita dessa ponte com um método de análise de rede conforme se presencia, e mais detidamente como acentuou Bortoni-Ricardo (2005), porque vários fatores contribuíram para o aumento e a diversificação da clientela estudantil: o aumento populacional, a concentração demográfica nas grandes cidades, a expansão da rede escolar, a mudança na legislação e conseqüentemente a obrigatoriedade do ensino fundamental.

Nesse contexto, Bortoni-Ricardo (2005) defende a importância de repensar uma política educacional mais condizente com a nova situação das classes sociais que estão surgindo, determinada por um clientela que não mais exclusivamente advém das classes alta e média. As pessoas de classe baixa estão tendo mais acesso ao ambiente escolar e ao convívio com as demais pessoas de outras classes sociais. Uma caracterização socioantropológica, portanto, com o apoio dos estudos baseados nos métodos de análise de redes viriam a contribuir com a elaboração de um perfil sociolinguístico dos alunos mais consistente, com uma consequente preparação de material didático e estratégias pedagógicas mais adequadas.

A variação linguística no contexto nacional não está relacionada apenas à estratificação social, mas também como o contínuo rural-urbano, ou seja, os alunos do campo estão vindo estudar na zona urbana, as pessoas da comunidade rural adquiriram meio de transporte que facilitou o seu acesso ao convívio com as pessoas da zona urbana e a migração de muitas pessoas do campo para cidade, sendo fundamental a influência da relação entre padrões de rede de interação e preservação de variedades populares. No que se discute, temos nas sociedades urbanas todo um complexo processo de difusão de dialetos rurais, levando-se em conta a mobilidade geográfica e a mobilidade social, associadas ao desenvolvimento de tipos diferentes de redes de interação.

Como acentua Bortoni-Ricardo (2005, p. 87), enquanto profissionais que trabalham com o sistema, ainda não dispomos de uma compreensão precisa do quanto o ensino da língua-padrão apresenta-se tão precário para essa clientela nas escolas. Assim, uma tal compreensão, a partir da potencial contribuição da análise de redes viria, nesse sentido, dar mais enfrentamento ao complexo problema da aquisição da língua de prestígio em sociedades como a nossa, sinalizando para uma reestruturação das próprias políticas de ensino da língua materna.

De acordo com Ferrarezi Junior (2008, p. 33), o ensino tradicional sem contextos a língua materna se torna desmotivada, cujo uso restringe aos objetivos da escola, pois cria uma imposição escolar em relação a língua materna e resulta na falta de prazer pela língua portuguesa. Entretanto, comparando ao ensino construtivista, que busca o conhecimento prévio do aluno e os faz construir conceitos respeitando sua variação linguística e através dela introduz o conhecimento da norma culta mostrando para ele que já possui um conhecimento linguístico que precisa ser aprimorado na escola, assim através desse estudo

biográfico, nos permite analisar que esse método torna a língua materna envolvida com a relação cultural, pois torna a estrutura da gramática como uma implicação das necessidades próprias de uma língua fazendo com que o aluno a reconheça como uma variante de prestígio, que pode ser aprendida e dominada para fins específicos.

A partir desse novo método construtivista de ensino o aluno passa aprender que a língua ensinada na escola é a língua que o aluno já fala e com essa proposta cria-se uma valorização pessoal de que a aprendizagem torna-se útil para sua vida.

Enfatizando esse fenômeno da variação linguística, Antunes (2007, p104) nos mostra que existem situações sociais diferentes, logo deve haver padrões diferentes, pois as variações aparecem como algo inevitável não porque as pessoas são ignorantes e indisciplinadas, mas porque as pessoas vivem em constante mudanças situadas no tempo e no espaço, fazendo uso de uma língua flexível, funcional e condicionada, sobretudo, a fatores externos. No entanto, apresentando uma condição heterogênea e variável, a sociedade, conseqüentemente, faz um uso da língua de forma diversificada, por isso que o ensino escolar não deve valorizar a norma culta como a única forma do falante falar e escrever, mas sim ensinar como deve utilizá-la quando a situação da fala e escrita a exija, tornando-a uma opção para o aluno .

Portanto, quanto maior for o domínio dos alunos na variação linguística, maior será sua capacidade de usá-la adequadamente de acordo com a circunstância exigida. É necessário que os profissionais de língua neutralizem a ideia de que os alunos devem usar a norma culta em todas as situações da sua vida. É função da escola ampliar a competência comunicativa de forma diversificada, explorando textos orais, escritos, verbais, não-verbais, formais, informais, etc. Os alunos devem aprender os diversos tipos de gêneros textuais para que haja estímulo ao diálogo com jovens, adultos, colegas, autoridades e demais pessoas da sociedade promovendo a função social dos textos, possibilitando que eles conheçam mundos diferentes, culturas, registros de fala dessas culturas e as tipologias dos gêneros para que possibilitem produzir seus textos de acordo com a norma exigida que é variada .

Os profissionais de língua devem trabalhar de forma contextualizada partindo para uma metodologia onde a língua torne-se funcional onde era diferente das análises das frases soltas, sem enunciados e sem sentido e levar o aluno a refletir sobre a língua de forma significativa dentro de um contexto de ensino aprendendo a

perguntar, responder, persuadir, aferir, etc. Segundo Antunes (2007), a proposta é que o texto seja o centro de estudo e não a gramática, já que esta virá como uma mediação depois que o aluno compreender o sentido dos textos ele descobrirá a importância da gramática.

3 FALA x ESCRITA

Sendo a fala e a escrita duas modalidades distintas do mesmo sistema linguístico – Língua Portuguesa – iremos apresentar o nosso trabalho para justificar primeiramente as razões por que elas se diferem em relação à estrutura, levando-se em consideração o modo de aquisição e como os elementos desta estrutura são organizados.

A língua falada e escrita se completam, mas cada uma possui sua propriedade. É elementar que há uma maior liberdade de expressão através da língua falada, sendo, portanto, espontânea, pois pode ser redundante, enfática, com o uso de timbre, entonação e pausas o que difere da língua escrita pois nela essas características são representadas por meio de pontuações como ocorre com suas regras que moldam essencialmente esta habilidade. Assim no Brasil, por exemplo, todos falam a língua portuguesa, mas existem usos diferentes da língua devido a diversos fatores. Dentre eles, destacam-se: fatores regionais, culturais, contextuais, profissionais e naturais.

Segundo Marcuschi (2001), a forma de construção existente a fala e a escrita não está relacionada apenas à representação física (grafia x som), sabemos que vários processos de construção norteiam suas escolhas como: a estrutura léxica, vocabulário, (in)formalidade, etc. Para o autor, as questões políticas e sociais de prestígio já não distanciam tanto a cognitiva da escrita, ou seja, os processos mentais que são organizados na hora da composição em relação à fala, pois ambos se complementam ao serem examinados na perspectiva de sua organização textual-discursiva de ver e compreender o mundo em modalidades diversas onde ocorrem as variações.

Não devemos estranhar as variações existentes entre os falantes do português nas diversas regiões do Brasil, pois consideramos que a variação linguística é algo espontâneo, natural e comum em todas as línguas em uso são variados devem ser respeitados e podem ser muito criativos, mas não devemos deixar de seguir as normas das práticas discursivas, portanto a língua constitui-se de um sistema de regras que deve ser obedecido e se não seguirmos esse padrão dificultaria a comunicação entre os locutores e receptores no ato da fala

Existem regras que devem ser observadas tanto na fala como na escrita, mas elas não impedem a criatividade e a liberdade na ação linguística das pessoas durante a escrita, pois a língua tem um vocabulário, uma gramática e regras que devem ser observadas na produção de acordo com as normas sociais e necessidades cognitivas adequadas à situação concreta .

Há algum tempo, os estudos da língua, livros e manuais educativos, como o Mini Manual de Gramática da Língua portuguesa Sousa (2012), por exemplo, não davam muita atenção aos usos linguísticos reais e se ocupavam mais dos aspectos formais, tais como as regras e as normas da língua, acentuando um ensino metalinguístico da língua. Atualmente esse estudo evoluiu para os usos da língua, pois o ensino está voltado para a produção textual e à compreensão, tendo em vista os gêneros textuais e as modalidades de uso da língua e seu funcionamento. Dá-se então uma nova proposta trazida e sugerida aos livros didáticos e professores de língua para trabalhem fala e escrita na visão dos gêneros e da produção textual discursiva e não na relação das formas soltas e descontextualizadas.

Afirma Marcuschi (2001, p. 17) sobre a relação fala e escrita nos gêneros textuais:

As relações entre oralidade e escrita se dão num contínuo ou gradação perpassada pelos gêneros textuais, e não na observação dicotômica de características polares. Isso significa que a melhor forma de observar a relação fala-escrita é contemplá-la num contínuo de textos orais e escritos, seja na atividade de leitura, seja na de produção. Esse contínuo é de tal ordem que, em certos casos, fica difícil distinguir se o discurso produzido deve ser considerado falado ou escrito

A fala e a escrita variam de maneira relativamente considerável. A sociolinguística já se ocupava com a variação na fala, mas a escrita pouco foi observada sob esse aspecto, já que sempre se disse que a escrita era homogênea e estável. Contudo, a grafia das palavras segue normas, não parece haver grande homogeneidade nas formas de escrever. Quando vista sincronicamente, a grafia é homogênea, mas ela varia ao longo da história, portanto incide nas características que a língua apresenta durante um dado período do tempo, e a fala apresenta variações sociais e situacionais mais notáveis de região para região.

Em suma, através da consciência fonológica que é uma forma de reconhecer e manipular os sons que compõem a fala, pois se refere às funções cognitivas, habilidades do nosso cérebro que podem ser divididas em grandes grupos: memória, percepção, linguagem, entre outros, permitindo uma concretização de

informações baseadas de que a linguagem oral é constituída de partes segmentadas, para ter essa consciência é necessário que o falante tenha a habilidade de prestar atenção a estrutura da palavra e ignore o seu significado exigindo portanto um grau maior de consciência lingüística do falante, que terá de estruturar as palavras como um todo até a separação em sons individuais, informa Scherer (2012)

Conforme o autor citado acima, Lopes Flávia (2004) afirma que:

Fazendo parte do processamento fonológico, que se refere às operações mentais de processamento de informação baseadas na estrutura fonológica da linguagem oral. Assim, a consciência fonológica refere-se tanto à consciência de que a fala pode ser segmentada quanto à habilidade de manipular tais segmentos, e se desenvolve gradualmente à medida que a criança vai tomando consciência do sistema sonoro da língua, ou seja, de palavras, sílabas e fonemas como unidades identificáveis (Capovilla & Capovilla, 2000).

Segundo Capovilla & Capovilla (2003), diversos trabalhos têm relatado que esta habilidade da consciência fonológica se correlaciona com o sucesso na aquisição da linguagem escrita, tornando-se importante para o processo de aquisição da leitura e da escrita no ambiente da aprendizagem. Desta forma, em diversos estudos já conduzidos no Brasil, a BNCC (BRASIL, 2018), Silva (2009), Alves(2012), Almeida (2011), foi adotado um procedimento para desenvolver a consciência fonológica e ensinar correspondências grafo-fonêmicas escolares. Este foi aplicado em crianças de níveis socioeconômico médio e baixo e mostrou-se eficaz em aumentar o desempenho em consciência fonológica, leitura e escrita de crianças no início da alfabetização.

A aquisição da leitura e da escrita é uma das etapas mais importantes para os alunos, já que é na alfabetização que eles são expostos à aprendizagem do sistema da sua língua materna. Entretanto, pesquisadores como Alves (2012) mostram que a consciência silábica é adquirida antes do processo de alfabetização e é mais fácil para o falante desenvolvê-la. Mas, a consciência fonológica no nível de sílaba exige mais esforço para o desenvolvimento da aprendizagem, pois a criança tem que saber contar o número de sílabas, excluir, inverter a ordem silábica e adicionar.

De fato, tanto as crianças como os adultos que estão passando por essa descoberta no processo da alfabetização para entender os símbolos, distinguem que cada letra tem uma forma e que as trocas de letras ocasionam mudanças no sentido das palavras.

O que pode ocorrer nessa fase da aprendizagem são comprometimentos no sistema fonológico, isto é, desvios fonológicos que, muitas vezes, são observados através de dificuldades apresentadas pelos alunos e que não são superadas pela falta de formação e conhecimento dos profissionais que os acompanham, e que não sabem lidar com a particularidade específica de cada um e não encaminham para um tratamento específico especializado.

Segundo Tessari (2003), os profissionais da área da alfabetização, se tiverem um conhecimento linguístico da língua materna, conseguirão entender melhor o processo de aprendizagem dos alunos na fase da aquisição da escrita. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) defende o trabalho com a consciência fonológica e incentiva a aliar práticas sociais de leitura e escrita com momentos de aprendizagem do sistema de escrita alfabética. Inserir uma proposta de que o professor deve trabalhar com os gêneros textuais levando em consideração a cultura infantil, a intencionalidade desses gêneros é refletir sobre as sonoridades das palavras para pensar em jogos fonológicos, levar o aluno a refletir sobre a correspondência entre o oral e o escrito. A BNCC (BRASIL, 2018, p.88) propõe que o professor das séries iniciais desenvolva essa consciência fonológica:

[...] compreendendo como se dá este processo (longo) de construção de um conjunto de conhecimentos sobre o funcionamento fonológico da língua pelo estudante. Para isso, é preciso conhecer as relações fono-ortográficas, isto é, as relações entre sons (fonemas) do português oral do Brasil em suas variedades e as letras (grafemas) do português brasileiro escrito. Dito de outro modo, conhecer a “mecânica” ou o funcionamento da escrita alfabética para ler e escrever significa, principalmente, perceber as relações bastante complexas que se estabelecem entre os sons da fala (fonemas) e as letras da escrita (grafemas), o que envolve consciência fonológica da linguagem: perceber seus sons, como se separam e se juntam em novas palavras etc.

No entanto, de acordo com Bagno (2002), é possível dizer que a educação linguística dos indivíduos começa em casa, pois seu primeiro contato com a língua materna dá-se através dos pais. E ao longo da vida, as crianças vão crescendo e as normas de comportamento linguístico vão sendo adquiridas.

A aquisição da escrita se relaciona com a consciência fonológica, assumindo um papel muito importante na alfabetização das crianças, pois muitas são incentivadas pelos pais desde sua fase inicial de vida, com a contação de histórias e a exposição de materiais didáticos com a escrita, e a visualização de desenhos que contribuem de forma indireta para o letramento no ambiente familiar.

Indiretamente, acreditamos que as crianças desenvolvem uma espécie de letramento familiar, a partir de práticas rotineiras fora do âmbito escolar, com base em histórias que lhes são contadas. Essa prática familiar, lhes permite fazer diversas associações, a partir das quais as crianças são capazes de começar a desenvolver sua consciência fonológica, recriando histórias com base em ilustrações de livros e recontando as que eles ouvem. Esse *output* produzido pelas crianças funciona como uma etapa anterior ao desenvolvimento do código escrito propriamente dito, isto é, esses indivíduos em formação desenvolvem através de estímulos diversos a sua consciência fonológica mesmo sem o domínio da escrita, iniciando, assim, um processo de letramento.

Assim afirma Kleiman, (2012 , p.18)

Uma criança que compreende quando um adulto lhe diz “Olha o que a fada madrinha trouxe hoje !” está fazendo uma relação com o texto escrito, o conto de fadas .Assim ela está participando de um evento de letramento (porque já participou de outros, como o de ouvir uma estorinha antes de dormir); também está aprendendo uma prática discursiva letrada ,e portanto essa criança pode ser considerada letrada, mesmo que ainda não saiba ler e escrever.

É possível observar a importância do letramento familiar, pois crianças que são estimuladas pelos pais através de contação de histórias, de textos verbais e não -verbais, soletramento das sílabas, a indicação de objetos com nomeações estimulam as crianças a desenvolverem uma consciência fonêmica, portanto as crianças que tem pais analfabetos não terão esse desenvolvimento e sairão em desvantagem ,pois esses alunos terão uma maior dificuldade na aprendizagem no processo de aquisição da escrita, conforme Alves (2012).

Assim sendo, pressupomos que os professores terão mais trabalho para ensinar aos alunos, pois terão que desenvolver um trabalho que desperte o letramento para levá-los à aprendizagem e, conseqüentemente, o desenvolvimento da consciência fonológica em níveis mais complexos, o que não se caracteriza como uma tarefa fácil. No entanto, os alunos que não receberam dos pais o estímulo para poderem refletir sobre o processo de letramento familiar, irão sofrer e terão uma dificuldade maior no processo de desenvolvimento da escrita e da leitura de acordo com Alves (2012).

Nesse sentido, é natural que algumas representações gráficas sofram inferências por determinado sons que serão confundidos no momento da escrita,

havendo a troca por outros, isso ocorrerá em decorrência da falta de estímulos e por não serem motivados a refletir sobre a língua nos primeiros anos de vida.

As línguas são desenvolvidas, primeiramente, através da forma oral e são assim aprendidas por seus falantes. Em seguida, desenvolve-se a escrita, mas a fala não é representada pela escrita e não é derivada de maneira direta. A variação linguística ocorre em todas as línguas tanto na fala como na escrita, e não há língua uniforme ou imutável, conforme afirma Marcuschi (2007, p. 8-9).

Nenhuma língua é mais primitiva que outra, e todas são complexas, pouco importando se são ágrafas ou não. Uma consequência imediata dessas premissas é a noção de que fala e escrita são dois modos de funcionamento da língua. Certamente, todos nós falamos e ouvimos muito mais do que escrevemos ou lemos, mas o peso dessas práticas não é o mesmo sob o ponto de vista dos valores sociais.

De acordo com as presunções de Marcuschi (2007) é só observarmos nossa realidade diária para constatar que falamos mais do que escrevemos, pois contamos histórias, piadas, telefonamos, comentamos notícias, focamos, cantamos, gravamos áudios através whatsapp etc. Estamos habituados a utilizar mais a fala, desde a infância, do que a escrita. No entanto, em algumas ocasiões em que organizamos listas de compras, escrevemos bilhetes, mensagens nas redes sociais, fazemos anotações, redigimos atas de reuniões de condomínio, preenchemos formulários e assim por diante é que utilizamos a escrita.

Conforme o autor citado acima a criança, o jovem ou o adulto sabe falar com propriedade e eficiência comunicativa sua língua materna. Posteriormente, quando entra na escola, a fala influencia a escrita, sobretudo no período inicial da alfabetização, pois as atividades do discurso são desenvolvidas através da fala que possui uma organização. É através desse aspecto que conseguimos entender um pouco mais sobre as relações sistemáticas entre oralidade e escrita e suas influências mútuas. Não nos compete defender uma posição de forma dicotômica, porque tanto a oralidade como a escrita têm o seu papel na sociedade. Marcuschi (2007, p. 22) faz uma comparação entre a escrita e fala, definindo que

a escrita é uma espécie de representação abstrata e não fonética nem fonêmica da fala, ela não consegue reproduzir uma série de propriedades da fala, tais como o sotaque, o tom de voz, a entoação, a velocidade, as pausas, etc. Isso é suprido, na escrita, por um sistema de pontuação convencionalizado para operar, representando, *grosso modo*, aquelas funções da fala.

De acordo com essa reflexão, podemos analisar as consequências dessa diferença no que diz respeito à grafia dos sons, através de observações na fase inicial da alfabetização, pois ocorre muitos problemas, visto que os símbolos diversos representam o mesmo som. É possível observar isso nos casos da escrita de algumas palavras como: **conserto-concerto**; **cassar-caçar**; **casa-exame**, e assim por diante. Pois como observamos, quando a língua apresentar um número de fonemas superior ao de letras o alfabeto não é fonético. Todavia, isso pode desenvolver dificuldades que podem acompanhar os alunos ao longo de toda sua vida escolar, pode carregar inferências na escrita através das relações irregulares entre grafemas e fonemas. É de suma importância que se identifique o princípio gerativo que justifica o uso de um grafema para representar graficamente uma dada palavra na fase inicial da aprendizagem. Assim, como afirma Cabral (2003, p. 207) “Para a única forma de prever o uso do grafema, quando os contextos são competitivos, é através do conhecimento a respeito da etimologia da palavra, ou seja, precisaríamos conhecer a forma da palavra na sua origem”.

4 VARIAÇÃO DO SEGMENTO

O termo “lateral” foi empregado para classificar os sons consonantais associados ao modo de articulação. Para tanto, deve-se a qualquer som em que o ar escapa por um ou pelos dois lados da saída do trato vocal.

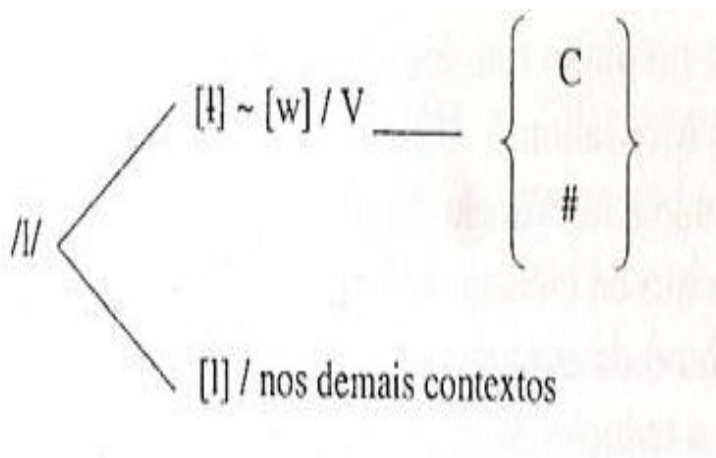
No tocante à análise fonológica, dois tipos de consoantes laterais se diferem no nosso idioma: [l] e [ʎ]. A primeira apresenta uma articulação dental ou alveolar, e a segunda diz respeito ao tipo de consoante que se articula na região posterior ou palatal, conforme as estruturas a seguir: [fala] - [faʎa] correspondem graficamente a **fala e falha**.

No entanto, a velarização consiste no levantamento da parte posterior da língua em direção ao véu palatino concomitantemente com a articulação de um determinado segmento consonantal.

A consoante lateral [l] apresenta a propriedade articulatória secundária de velarização em certos dialetos do sul do Brasil e do português europeu. O contexto em que a velarização ocorre é quando a lateral encontra-se em final de sílaba: sal, salta. Utilizamos o símbolo [ʎ] para transcrever a lateral velarizada que acabamos de descrever [i] ou [w] Lateral alveolar vozeada velarizada sal, salta, ['sai], ['saita], ['saw], ['sawta]. Ocorre em final de sílaba em alguns dialetos (ou idioletos) do português brasileiro, podendo ocorrer com articulação alveolar ou dental. Na nossa pesquisa analisamos a vocalização da lateral em posição final de sílaba e neste caso temos um segmento com as características articulatórias de uma vogal do tipo [u] que é transcrito como [w] segundo Cristófaró (2009).

Segundo Bisol (2002), no que diz respeito à alofonia apresentada sincronicamente pelo fonema na posição pós-vocálica, identificou-se a semivogal posterior em lugar de uma realização velar da lateral, admitindo assim sua alternância com a semivogal [w].

Figura 1 - Representação do fonema na posição pós-vocálica ,Bisol(2002)



Fonte: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (org.). Fonologia e variação: recortes do português brasileiro.

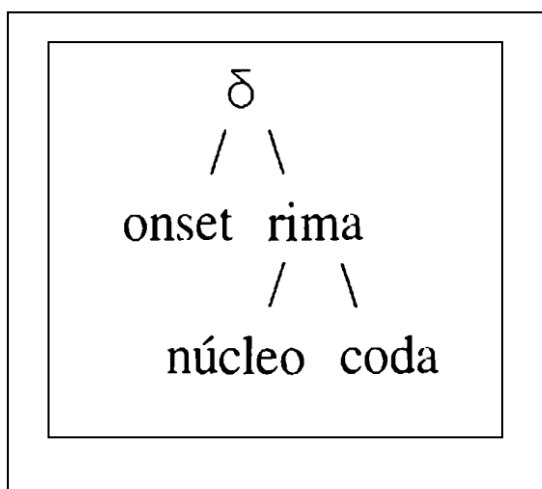
A figura 2 mostra que o fonema // manifesta-se como velar ou glide posterior diante de consoante ou final de palavra e como alveolar nos demais contextos, isto é, em posição pré-vocálica.

Referindo-se à variação apresentada pela lateral em posição final de sílaba, importa lembrar que longe de constituir um fenômeno específico do português, já foi apontada no latim e mesmo em outras línguas modernas.

Nosso estudo será centralizado no segmento [l] apenas na posição de coda silábica (**sul, salgado, volta, delta, etc.**), não se estendendo contudo o contexto *onset* (**lápiz, luta, levado, lobo, livro, etc.**)

De acordo com Silva (2009, p. 205) podemos afirmar que, as sílabas possuem constituintes silábicos presentes na sua estrutura são eles – *onset*, núcleo e coda. O *onset* também conhecido como ataque é representado por uma consoante, podendo estar vazio, a depender do vocábulo, e precede a rima, a qual é representada pelo núcleo e pela coda silábica, isto é uma vogal e uma consoante que trava a sílaba. O núcleo, representado pela vogal, é uma posição obrigatória na estrutura silábica. A seguir, apresentamos a representação interna da sílaba, conforme podemos visualizar na figura 1

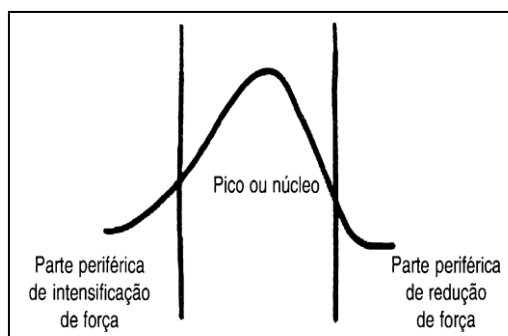
Figura 2 – Representação interna da sílaba, a partir de Selkirk (1982)



Fonte: SILVA, Thaís Cristóforo. Fonética e fonologia do português : roteiro de estudos e guia de exercícios

De acordo com a referida autora, a parte nuclear (segmentos vocálicos) é obrigatória , sendo as outras duas partes periféricas e, portanto, opcionais (segmentos consonantais), conforme demonstrado na figura 4 a seguir:

Figura 3 – A partir de Stetson (1951[1928])



Fonte: SILVA, Thaís Cristóforo. Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios

De um modo geral, entendemos a sílaba como uma unidade natural de segmento da fala. Ao identificar o número de sílabas, o falante está demonstrando, portanto, seu conhecimento linguístico, bem como o desenvolvimento da sua consciência fonológica. De um ponto de vista fonético, cada sílaba tem um pico de sonoridade situado no núcleo, seguido de zonas de intensificação e redução de força (cf. figura 2). De acordo com Stetson (1951[1928]), a sílaba é então interpretada como um movimento de força muscular que se intensifica atingindo um limite máximo, após o qual ocorrerá a redução progressiva desta força.

De acordo com Alves (2012, p. 31), é primordial que esse aspecto silábico seja abordado e trabalhado pelo professor em sala de aula, para que o aluno seja capaz de desenvolver a consciência fonológica, de modo sequenciado, isto é, nível a nível, despertando o seu interesse pela análise linguística e levando-o a refletir sobre a oralidade e a escrita.

Este trabalho tem investigado, em sua maior parte, o fenômeno da . da variação da lateral [l]. Nessa perspectiva, nosso trabalho fará uma análise comparativa do fenômeno da variação através da escrita por meio de uma leitura completa do seu corpus ,seja ele um ditado de palavras , frases, questionários, observações, etc, de forma a analisar o comportamento lingüístico do referido processo e os dados da pesquisa visando analisar as questões sociais, econômicas ,geográficas, culturais, da aprendizagem, dos gêneros e suas influências na transposição da fonética e escrita. A seguir veremos como foi desenvolvida a nossa pesquisa .

5 METODOLOGIA

A análise das variáveis aqui utilizadas foi a “diastrática”, pois como foi dito anteriormente enfoca fatores de identificação social do falante e a relação com a comunidade. As variedades linguísticas encontradas possuem relevância em vários aspectos na morfossintaxe e na fonologia. Como utilizamos o método qualitativo foi feito o levantamento de um corpus da língua escrita, que represente adequadamente a comunidade a ser analisada.

O presente trabalho terá um caráter quantitativo e qualitativo ao mesmo tempo, explorando no primeiro momento o aparato metodológico da sociolinguística quantitativa; e em um segundo momento, o da sociolinguística qualitativa. De acordo com Bortoni-Ricardo (2008,p. 34), esse tipo de pesquisa trabalha com variáveis procurando estabelecer relações entre elas e investigar o desempenho escolar de determinados grupos e fenômenos ligados à aprendizagem, ao nível de escolaridade, fatores sociais, etc. Dessa forma iremos registrar sintaticamente a nossa amostra em forma de dados representadas por gráficos, portanto no momento inicial da pesquisa, trabalhamos com o corpus com base no aparato da Sociolinguística Quantitativa.

Nesse contexto metodológico, podemos afirmar que a metodologia tem um papel primordial dentro do modelo teórico da sociolinguística quantitativa, sendo composta de vários estágios, dentre os quais destacam-se:

(I) seleção de informantes;(II) identificação das variáveis linguísticas e suas variantes;(III) processamento dos números, visto que se trata de uma análise estatística;(IV) interpretação dos resultados, analisando os possíveis fatores condicionadores (linguísticos e extralinguísticos) que favorecem o uso de uma variante sobre outra. (LIMA, 2009, p.30)

Utilizamos as técnicas da sociolinguística para organizar os dados e corpus para contribuir na obtenção de um levantamento de dados controlado. Portanto fizemos o uso nessa pesquisa da transcrição dos sons da fala através de treino ortográfico para obtenção de um material que nos dê suporte na nossa investigação ,pois é manifestado através de palavras e suas pronúncias as variações de certos sons de acordo com o contexto criando pares mínimos para poder analisar o valor fonológico baseando na afirmação de Cagliari (2002,p.55).

Para ser feita essa transcrição e obter o corpus, em seguida deve ser feito um levantamento de dados de todos os sons e colocá-los em forma de tabela fonética.

Após a preparação inicial, o pesquisador já vislumbra com muita clareza o objeto de sua investigação, ele precisará tomar algumas providências práticas para viabilizar seu trabalho. A principal delas a negociação com as pessoas que lhes darão acesso ao local da pesquisa.

Antes da iniciação da pesquisa foi feita uma visita com antecedência às escolas para pedir permissão aos gestores explicando os nossos objetivos em explorar o corpo docente. Como afirma Bortoni-Ricardo (2008, p.57), “Vale salientar que, antes da iniciação de qualquer atividade, foi feita uma visita prévia à escola para o primeiro contato com a direção, para que pudéssemos expor os objetivos de nosso trabalho”.

Nessa visita prévia à escola e o primeiro contato com a direção sondamos o número de alunos que são da zona urbana e da zona rural para podermos analisarmos os fatores econômicos. Foram escolhidos no total 40 (quarenta) alunos: 20 (vinte) do sexo masculino e 20 (vinte) do sexo feminino, todos eles estudantes das séries do 6º ano do Ensino Fundamental onde foi selecionado 20 (vinte) alunos, 10 (dez) do sexo feminino e 10 (dez) do sexo masculino e do 1º ano do Ensino Médio também foram selecionados 20 (vinte) alunos, 10 (dez) do sexo feminino e 10 (dez) do sexo masculino, de uma dada Escola Pública Estadual e outra Escola da Rede Particular, ambas do município de Alagoa Grande, Paraíba. A direção dessas escolas solicitou-nos que os nomes das instituições fossem preservados, bem como o dos alunos, podendo ser aqui revelados apenas o sexo e o grau de escolaridade.

Foi aplicado um Treino Ortográfico de Palavras e outro de frases. O primeiro contendo 20 (vinte) palavras e o segundo construído com essas tais palavras, sendo que dispostas em apenas 10 (dez) frases. Foram escolhidas palavras que possuíam a consoante /l/ posvocálica (vide anexo1).

Ao escreverem as palavras ditadas, os alunos apresentaram na escrita a vocalização da consoante [l] lateral e final por [w], Silva (2009, p. 162) afirma o seguinte acerca do /l/ pós-vocálico:

[...] O fonema /l/ manifesta-se foneticamente como uma consoante lateral alveolar (ou dental) em qualquer dialeto do português. Em posição final de sílaba (cf. “cal, atol, alça, selva”), o fonema /l/ tem duas possibilidades de

realização fonética. Na primeira possibilidade, o fonema // em posição final de sílaba pode ocorrer como uma lateral alveolar (ou dental) velarizada [t]. [...] A segunda possibilidade é a do português brasileiro e palavras como 'cal, calça' são transcritas foneticamente como: [kaw] e [lawsa]. [...]

As palavras foram ditadas de uma forma mais aproximada da maneira de falar daquela comunidade. Respeitando o dialeto falado naquela comunidade. Segundo Cavaliere (2005), no tópico que trata sobre a Estilística do indivíduo e da linguagem, existem dois tipos de Estilística: na língua literária (predomina a Estilística primária. O autor literário cria o seu próprio estilo) e na não-literária (o estilo do indivíduo consiste numa série de marcas pessoais que envolvem a escolha de um conjunto de caracteres linguísticos que compõem um dado idioleto). E, quando o referido autor trata dessa linguagem não-literária, afirma:

[...] cada falante tem o seu estilo, que se reflete, no que tange ao som lingüístico, nas preferências conscientes ou inconscientes que tenha eleito na estruturação das cadeias fônicas que forma as palavras e as frases. (Cavaliere, 2005: 157)

Paul Teyssier (2001, p. 98) alerta para a necessidade desse respeito ao dialeto próprio de cada indivíduo e de cada comunidade quando diz que as diferenças na maneira de falar são maiores, num determinado lugar, entre um homem culto e o vizinho analfabeto que entre dois brasileiros do mesmo nível cultural originários de duas regiões distantes uma da outra.

Esse mesmo autor afirma ainda:

[...]. Os estudos científicos a respeito desses diversos níveis de língua são ainda insuficientes. Além disso, as mutações rápidas ligadas à urbanização e à industrialização tornam a realidade atual particularmente instável." (Teyssier, 2001, p.98).

Os dados para etapa da pesquisa foram extraídos de um *corpus* composto por 40 (quarenta) alunos, sendo 20 (vinte) da escola pública e 20 (vinte) da escola privada, 50% por cento do sexo feminino e outro 50% masculino. O questionário teve como objetivo investigar os fatores que interferem no processo de ensino aprendizagem. De acordo com as informações contidas, a ficha social teve a função de nortear a entrevista escrita com os informantes com a seguinte estrutura:

FICHA SOCIAL DO INFORMANTE

Entrevistador :

Data:

- 1) Nome do informante:
- 2) Endereço:
- 3) Data de nascimento:
- 4) Você gosta de estudar ?
() sim () não
- 5) Qual a sua dificuldade na língua portuguesa ?
- 6) Seus pais estudaram até que série ?
- 7) Por que eles não continuaram?
- 8) Você trabalha?
() sim () não
- 9) Que tipo de atividade você faz?
- 10) É essa sua profissão?
() sim () não
- 11) Você tem outra profissão?
() sim () não
- 15) Qual a sua renda mensal aproximada da sua família ?
- 16) Além de você, quantas pessoas moram em casa?
- 17) Qual é a relação de parentesco que há entre vocês?
- 18) Você costuma ver TV?
() sim () não
- 19) A que programa(s) você assiste?
- 20) Você costuma acessar a internet ?
() sim () não
- 21) Os seus pais te auxiliam nas atividades escolares ?
() sim () não
- 22-Quando criança os seus pais te estimulavam a ler?
() sim () não

Inicialmente propomos aos professores de Língua Portuguesa das turmas em questão, que por razões de ética não divulgamos sua identidade, explicamos a

eles o objetivo de nossa pesquisa e lhe propusemos a inserção do uso do questionário da ficha social para cada aluno responder em seguida, da aplicação do ditado com o objetivo de perceber como os alunos reagiriam diante do uso da escrita através das pronúncias das palavras e das frases para analisamos a troca da variação da lateral // no processo de ensino aprendizagem. E para averiguar essa relação entre o que a professora propõe e a aceitação por parte dos alunos, foram entregues primeiro o questionário para ser respondidos antes da realização da atividade tanto pelos alunos quanto pelo professor, como investigação a respeito dos fatores sociais que contribuem para o processo da variação linguística desenvolvidos nas aulas de língua materna.

Através do questionário que foi respondido pelos alunos, fizemos a análise dos dados e relatamos a experiência sobre a variação linguística na escola. No final da primeira aula, os professores desenvolveram uma atividade envolvendo o ditado de palavras e frases proposto pelo pesquisador e a correção foi feita na própria sala de aula no quadro pelo professor e os alunos trocaram as atividades com os colegas corrigindo a atividade do outro. Os dados foram coletados e levados para serem analisados.

Pode-se afirmar que através da coleta de dados analisados a variação da lateral // é um fenômeno que tem estado incutido, cada vez mais, na questão da economia linguística dos falantes, sejam esses com alto grau de escolarização, os quais detêm uma gama maior de variantes de prestígio; ou até mesmo aqueles que não dispõem de certo grau de instrução e que realizam com mais frequência variantes não-padrão, a sociedade em geral, constitui essa tendência da língua portuguesa.

A análise dos dados a seguir demonstra aspectos muito importantes para nossa reflexão, uma vez que optamos pelo método até então explanados.

6 ANÁLISE DOS DADOS

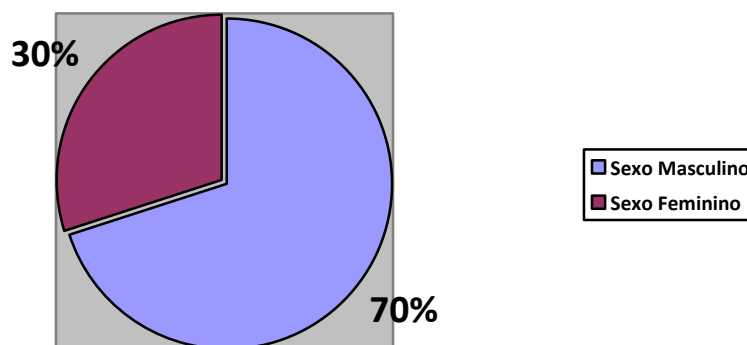
As atividades propostas foram as mesmas para todas as turmas tanto da Escola Estadual quanto da Escola da Rede Privada, ambas localizadas no município de Alagoa Grande, Paraíba.

Encontramos o seguinte resultado, observando os Treinos Ortográficos de Frases: os alunos fizeram uma transcrição fonética que apresentava a vocalização da lateral [l] substituindo-a por [w]. Vejamos nos exemplos abaixo:

(...) estavam exa[w]tados hoje (...) (6ºano/sexo.m./particular)
 (...) trouxe o carrosse[w] para (...) (1º médio/ sexo.m./pública)
 (...) café soluve[w] feito (...) (6º ano/sexo.m./pública)
 (...) políticos avi[w]taram os princípios (...) (1º ano/sexo. f./particular)

Observamos que acerca da questão dos sexos dos alunos, o masculino mostrou não dominar o uso adequado da consoante [l], substituindo-a por [w]. A porcentagem desse dado girou em torno de 70%. Já no caso do sexo feminino essa média foi em torno de 30%.

Gráfico 1 - Análise da porcentagem por gênero



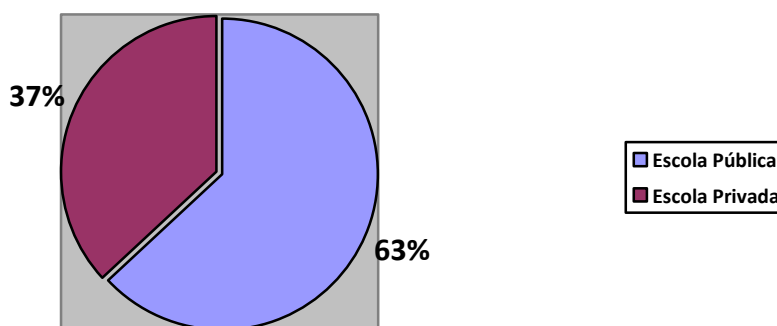
Outro dado muito interessante é que houve uma outra realidade a ser confrontada: a da Rede Pública Estadual de Ensino e a da Rede Particular. Embora saibamos que existem as questões dos fatores socioeconômicos responsáveis por uma variação da língua, mas não foi o que influenciou nessa pesquisa como causa da dificuldade da transcrição fonética por parte dos alunos. Podemos indagar, de acordo com Alves (2012) que os alunos não foram estimulados por seus pais para adquirirem o desenvolvimento do letramento familiar e consequentemente da

consciência fonológica refletindo na inferência de determinados sons da língua sendo transpassando para a escrita consideradas, ou seja, subtenda-se que os alunos da Rede Pública Estadual detenham maior dificuldade na transcrição de palavras, a análise dos dados demonstrou que os alunos da Rede Particular de Ensino também apresentaram essa realidade de uma maneira percentual muito próxima.

(...) amizade é esecia[w] para (...) (6ºano/sexo.m./particular)
 (...) amizade é essencial para (...) (6ºano/sexo.m./pública)
 (...) agrotossico no arosa[w] (...) (1º médio/ sexo.m./particular)
 (...) agrotóxico no arrozal (...) (1º médio/ sexo.m./pública)
 (...) um frezer orizontal (...) (6ºano/sexo.m./particular)
 (...) um fresi orizontal (...) (6ºano/sexo.m./público)

A porcentagem de inadequações apresentadas pelos estudantes da escola pública girou em torno de 63%, aproximadamente, enquanto que a escola privada foi de 37%. Demonstrando com isso, uma nova realidade a ser questionada.

Gráfico 2 - Análise das inadequações da escola pública e privada



Evidencia que a pesquisa qualitativa estuda fenômenos lingüísticos em ambientes escolares, a fim de responder a questões educacionais, nos auxiliando, nessa segunda etapa da nossa pesquisa, na análise lingüística através do ditado, a fim de investigar, o quanto esses alunos levam dados da fala para a escrita, principalmente, quando não são estimulados, como no desenvolvimento da aquisição da consciência fonológica no processo da alfabetização.

A reflexão presente demonstra que a partir dessas experiências os alunos poderão perceber no processo de transformação as diferenças entre a escrita

adquada da variação linguística e a necessidade de grafar as palavras de certa maneira. Os professores devem criar espaços para que os alunos reflitam sobre o processo da escrita da língua portuguesa.

Um trabalho desenvolvido na criticidade da variação linguística torna os alunos não apenas escritores e receptores de textos, mas um cidadão que possa construir saberes assumindo uma postura crítica que possa intervir nas questões sociais do mundo. De acordo com (BORTONI-RICARDO, 2008). Podemos afirmar que, as escolas e especialmente as salas de aula, provaram ser espaços privilegiados para a condução de pesquisa qualitativa, que se constrói de forma interpretativista, como é o caso da nossa pesquisa.

As duas pesquisas Sociolingüística Quantitativa e a Sociolingüística Qualitativa, se relacionam entre si cada uma com a sua função, uma voltada para as questões variacionais e outra educacionais, ambas tentam estudar a relação entre língua /sociedade, de forma a entender a língua analisando os seus fatores linguísticos de acordo com Lima (p.21 ,2009)

A Sociolingüística Qualitativa é importante porque visa esclarecer o conceito de variações lingüísticas no repertório de qualquer falante, pelo fato de não ser um conceito bem trabalhado nas escolas muitas pessoas sofrem preconceito, pois ela se preocupa no desenvolvimento desse conceito desde cedo, a fim de sanar dificuldades como essas e trazer contribuições em termos de conscientização a esse respeito.

Foi possível observar através do questionário aplicado que em uma quantidade maior por parte das meninas responderam que gostam de estudar e os meninos foi uma quantidade menor, pois elas se preocupam mais com a transcrição das palavras e de seguir a norma culta imposta pela classe de prestígio. Conforme analisamos no gráfico vemos que as meninas tem uma porcentagem maior de acertos no ditado de palavras e frases do que os meninos .

Partindo do pressunposto Bagno (2002) defende que a tarefa da escola seria, então, discutir os valores sociais atribuídos a cada variante lingüística, tentando desmitificar a discriminação que pesa sobre determinados usos da língua, de modo a conscientizar o aluno de que sua produção lingüística, oral ou escrita, será sujeita a uma avaliação social, positiva ou negativa. Algumas escolas acham isso desnecessário ,mas é uma contribuição para a exclusão e evasão escolar .

Avaliando a pergunta em questão sobre se os pais auxiliam nas atividades escolares obtivemos um percentual alto em ambas as escolas que não. Os alunos das escolas públicas em sua maioria afirmam que os pais tem pouco estudo ou moram com os avós e os da escola particular afirmam que os pais trabalham fora e são auxiliados por escolas de reforço ou secretarias da casa. Podemos observar que a educação está bastante terceirizada, mas que os alunos da escola particular recebem mais assistência do que os da escola pública. Os alunos necessitam serem acompanhados pela família nas atividades escolares contribuindo assim para o desenvolvimento da aprendizagem e incentivando ao conhecimento extra escolar.

7 CONCLUSÃO

A análise dos dados apresentados acerca do uso inadequado da consoante pós vocalização do [l] numa porcentagem maior, por parte do sexo masculino, reflete uma realidade anteriormente verificada por diversos autores não só os estudiosos da Fonética e Fonologia (Cavaliere, 2005; Silva, 2009) como também pelos da Sociolinguística (Bortoni-Ricardo, 2004/2005; Martelotta, 2008). Ou seja, o fato dos estudantes do sexo masculino demonstrar maiores dificuldades ao transcreverem adequadamente aquelas palavras dispostas através do Treino Ortográfico deve-se a uma questão existente entre *Sociedade e linguagem*. Acerca dessa questão, Martelotta (2008) explica:

Na relação brasileira homem-mulher, percebe-se que devido a uma cobrança social, a mulher teria uma preocupação maior em reproduzir as formas lingüísticas consideradas de prestígio dentro de uma comunidade lingüística.

Há uma histórica diferença entre sexo masculino e feminino que são consideráveis cujas funções sejam nitidamente muito distintas. As pesquisas que tratam dessa temática mostram que *as mulheres tendem a usar as formas padrão de uma língua com maior freqüência do que os homens*, refletindo, assim, as cobranças sociais na qual *a mulher teria uma maior preocupação em reproduzir as formas lingüísticas consideradas de prestígio dentro de uma comunidade lingüística*. Martelotta (2008, p.148 - 149)

Acerca do outro dado analisado sobre a questão da desigualdade de condições ao acesso digno ao aprendizado. Bortoni-Ricardo (2004) trata dos diversos fatores que permeiam a variação linguística. A autora discorre (trata da questão de Gênero como fator dessa variação) acerca do fator *Status socioeconômico*.

E afirma que “as diferenças de *status socioeconômico* representam desigualdades na distribuição de bens materiais e de bens culturais, o que se reflete em diferenças sociolinguísticas.

Embora concordemos com a autora que exista realmente essa diferença socioeconômica a ser inegavelmente considerada, temos outra questão que a análise dos dados coletados pela pesquisa cujo resultado nos surpreende e nos leva a uma outra possível reflexão: por que a porcentagem de inadequações na transcrição das palavras aconteceu tão aproximada sendo uma realidade pública e outra privada? Ou seja, o que levou alunos de ambas as redes apresentarem uma

porcentagem de tantas inadequações? Estaria o sistema público de ensino melhorando o nível do processo de ensino-aprendizagem? Ou o ensino privado estaria precisando melhorar o seu nível de sistematização dos conhecimentos para seus alunos? Valendo salientar que muitos dos alunos que freqüentam a escola da rede privada de ensino possuem uma assistência bem maior na leitura de suas atividades escolares, contando com o auxílio de “professores de reforço escolar”.

A respeito desse binômio *lingüística e ensino*, Martelotta (2008, p. 23) acrescenta que nós precisamos inovar reivindicando uma prática democrática de ensino, com uma perspectiva de língua distante do conceito de homogeneidade e idealização do modelo lingüístico, é preciso ressaltar a importância do modo como tais práticas são apropriadas e incorporadas pelos alunos de diferentes classes sociais. Através da pesquisa realizada podemos contribuir para que os educadores revejam sua práticas pedagógicas e reflita sobre o ensino de línguas de uma forma variacionista que abranja diversas culturas e classes sociais.

É preciso que se reivindique não apenas o direito político do qual todo cidadão deve usufruir para que todos tenham acesso ao conhecimento legítimo, das formas plurais de conhecimento, de linguagem e de tantas competências quantas existam para serem desenvolvidas e aperfeiçoadas em suas diversas formas.

Considerando que todo processo de construção da aprendizagem propõe que toda área de conhecimento abra novos precedentes para que a pesquisa dê continuidade, propomos que investiguemos mais afundo essa questão socioeconômica relacionada ao nível cognitivo de ambas as redes de ensino: a pública e a privada.

Ainda devemos considerar o importante papel de educadores e escolas como um todo nesse processo de variação lingüística (Teoria Variacionista). Isso porque o respeito aos usos que os alunos fazem da Língua Portuguesa deve vir por parte do professor que quando educa mostra que existem formas muito distintas de nos expressarmos: a norma culta é uma delas. Mas não será por causa disso que suas marcas lingüísticas sejam menos eficientes ou lingüisticamente inferiores. (Martelotta, 2008, p.238-239)

Bortoni-Ricardo (2005, p. 83) nos alerta sobre a necessidade de repensarmos não só nossas posturas, mas as posturas que a sociedade como um todo deve assumir, afirmando que:

Não obstante essas mudanças, não se cuidou ainda de repensar (ou elaborar) uma política educacional mais realista e mais adequada a essa clientela, que já não provém quase que exclusivamente das classes médias e alta, mas também da classe trabalhadora e até dos segmentos considerados marginais ao sistema de produção.

Observamos através da pesquisa que as dificuldades de leitura e escrita estão ligadas a diversos fatores entre eles estão os psicológicos, orgânicos, que envolve a memorização, e outros relacionados as causas pedagógicas e técnicas. A falta de estímulos que também interferem na leitura e escrita. De acordo com essas dificuldades da aprendizagem o professor poderá recorrer ao método fônico como uma estratégia de ensino que poderá ser usada para o desenvolvimento da consciência fonológica utilizando o julgamento, a percepção de rimas, aliteração, síntese fonológica, segmentação, manipulação, transposição dos fonemas e grafemas como afirma Almeida (2011)

É preciso que nós, professores, nos conscientizemos dos usos que estamos fazendo da Língua Portuguesa para que então possamos levar para nossos alunos o gosto pelo uso da nossa linguagem, sofrendo ou não as correções da prática educativa do professor no ambiente escolar. O principal de tudo isso é *valorizarmos menos as regras prescritas e encontrarmos formas de refletir sobre o português brasileiro* e usá-lo com satisfação. É preciso que os alunos sintam-se motivados a fazerem o uso da nossa língua, confiantes em si mesmos, na importante tarefa de nos comunicarmos uns com os outros, de uma forma prazerosa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Geraldo Peçanha. Dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita :método fônico para tratamento.Rio de Janeiro ;Wak Edição, 2011.

ALVES, U. K. REGINA Ritter Lamprecht; ANA PAULA Blanco-Dutra. O que é consciência fonológica. In: Consciência dos Sons da Língua: subsídios teóricos e práticos para alfabetizadores, fonoaudiólogos e professores de língua inglesa/org. et al]. – 2. Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

BAGNO, Marcos. *Língua materna: letramento, variação e ensino*. São Paulo: Parábola,2002.

BISOL, L.; BRESCANCINI,C.(org.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua Materna: a Sociolingüística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. “*Nóis chegemu na escola, e agora?*” – *Sociolingüística e Educação*. 2.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador: Introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola, 2008.

CAGLIARI ,Luiz Carlos. *Análise Fonológica - introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o fenômeno* .Campinas, S P : Mercado de Letras, 2002

CAPOVILLA A. G. S. & CAPOVILLA, F. C) *Alfabetização: Método fônico*. São Paulo, SP: Memnon, 2003.

CAVALIERE, Ricardo Stavola. *Pontos Essenciais em Fonética e Fonologia*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Lacerda, 2005.

FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. *Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua materna*. 6. ed. São Paulo: Cortez,2007.

FERRAREZI JUNIOR, C.; BASSO, R. *Semântica Para a Educação Básica* . 1ª Ed. – São Paulo : Parábola Editorial; 2008

HORA, Demerval da(org). *Estudos Sociolingüísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa, 2004.

HORA, Demerval; PEDROSA, J. L.R. (orgs.). *Projeto variação lingüística no estado da Paraíba*. João Pessoa: Idéia, 2001.

KLEIMAN, A. B. (org.). (1995) Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas/SP: Mercado de Letras. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade)2 .ed 2012

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W. Padrões sociolingüísticos. Tradução de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LEDA, Tessari Castello - Pereira. *Leitura de estudo: ler para aprender a estudar para aprender a ler* 1ed. Campinas: Editora Alinea, 2003.

LIMA, Luana Anastácia Santos de. *Análise comparativa da monotongação na fala espontânea e na leitura oral* Monografia Guarabira: UEPB, 2009.

LOPES, Flávia. O desenvolvimento da consciência fonológica e sua importância para o processo de alfabetização. v.8 n.2 campinas revista abrapee SP., 2004.

MARCUSCHI, L. A..*Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez,2001.

MARCUSCHI, Luiz Fala e escrita / Luiz Antônio Marcuschi e Angela Paiva Dionisio. 1. ed., 1. reimp. — Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARTELOTTA, Eduardo M.(org.). *Manual de lingüística*. São Paulo: Contexto, 2008.

SÁ, Edmilson José de. *Língua e Sociedade. Revista: Língua Portuguesa. Conhecimento Prático*. Escala Editorial, Nº 16, mês – 2009. São Paulo.

SCLIAR- CABRAL, Leonor. *Princípios do sistema alfabético do Português do Brasil*. São Paulo: Contexto,2003.

SELKIRK, E. The Syllable. In: HULST; SMITH. (eds.). *The Structure Phonological Representations (Part II)*. Dordrecht Foris -1982

SILVA, Thaís Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, Thaís Cristóvão. Fonética e fonologia do português : roteiro de estudos e guia de exercícios /. 7. ed. - São Paulo : Contexto, 2003.

SILVA, Rosieli Soares. **BCC BASES NACIONAL COMUM CURRICULAR**, link: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf, acessado em 12 de abril de 2019. Edição: 2018, Ministro da Educação.

STETSON, R H Motor fonethics: in students of movements in action, Amsterdã: North Holland. (1951[1928])

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. Trad. Celso Cunha. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001